

Fragmentos

Por Cyro Ehlke (Ponta Grossa)

O homem só encontra a verdadeira paz, em seu próprio coração. Olhamos-nos a nós mesmos, e interiormente, faz, às vezes, com que melhor sintamos o significado das coisas e melhormente saibamos aquilatar de sua razão de ser. Apesar disso, no entanto, quão difícil nos é, descobrimos-nos a nós próprios... Há grandes altitudes a serem vencidas na ordem espiritual dos fatos e em razão direta de suas significações. Há bastante que aspirar, o suficiente que haurir dos ensinamentos da vida que, mais que outros, se nos mostram frequentemente, nas extremidades maiores, dos planos que arquitetamos... Galgamos tão alto, para aí, então e unicamente, descobrimos que, na própria planície que atrás deixamos, há bastante do sentido que procuramos...

A felicidade, dizem, é feita de pequenas coisas; os mais insignificantes acontecimentos têm para nós, às vezes, razões sobejadas de contentamentos que as maiores altitudes nos não puderam proporcionar. Que dizemos, no entanto, se a vida assim se nos apresenta? Há que investigar, portanto, o desconhecido, para melhor percebermos do real conhecido. As distâncias se equivalem no espaço de tempo e, não obstante, há que estabelecer o meridiano das esferas conhecidas... Melhor, pois, fazermos como aquele homem simples, que descobriu, por final, residir em si próprio, o segredo de encontrar a felicidade. Não muito esperava ou desejava ele, para mais harmônicamente poder viver com o meio ambiente, encontrando, ou fazendo por encontrar, por outro lado, sempre uma explicação satisfatória e de superior sentido, para esses mesmos fatores. Estranho paradoxo... o mundo o julgava um desterrado da sorte, e, no entanto, ele cria haver encontrado, por fim, a grande quietude espiritual; está nele próprio... sente-a..., apalpa-a..., como apalpar se pode ao mais real dos objetos materiais.

Estranhos..., bastante estranhos..., os caminhos da vida...

Chorarão uns; outros rirão; outros ainda há, que passarão indiferentes no carrossel da vida; uns absorvendo o amargor das lutas e incompreensões, outros, provando o néctar delicioso das venturas, havendo ainda os que, seja no meio termo ou no próprio afastamento, vivam sem compreender, passem sem perceber, existam enfim, sem disso terem, ao certo, consciência.

Fantasma de ilusões... cortêjo de anseios e vibrações que conduzem e animam a mocidade... Que restará de vós, à extinção do sopro frágil da existência? Que se levantará, após a consumação de tudo, para vos lembrar a passagem, para dizer que já tí-nheis existido?

Pobre e ignorante de si própria, é a alma humana; quão de ilusória e passageira não é a própria vida? E a vida..., o que é afinal, a vida?...

Disseram, já, com bastante acerto, sobre o "hoje" e o "amanhã":

"O dia de ontem, é apenas um sonho; o dia de amanhã, uma simples visão; mas o dia

de hoje, bem vivido, faz de cada dia passado um sonho de felicidade e de cada dia futuro uma visão de esperança; sejamos, pois, cuidadosos com o dia presente."

Há um pouco do sentido geral da existência e do nosso "habitat" em tudo aquilo que vemos ou realizamos. Assim, por exemplo, temos para conosco, às vezes, que o mundo é uma coisa por demais complexa, para que procuremos desvendá-lo, enveredando pelo emaranhado de seus caminhos. E, no entanto, o homem, o ser pensante que, um dia, a si próprio chamou de "racional", ainda nos primórdios da civilização, também, um dia, estacionou. Olhou em torno, assim o diríamos, e pôde, enfim, sofrer o harmonioso do conjunto, a maravilhosa obra da criação. Tudo tinha sua razão de ser; a mútua relação das coisas lhe estava a apontar, e seguidamente, que tudo dizia respeito a um fundo comum, nessa complexa interpenetração de coisas, que é o Universo. Quis achar-se a si próprio, nesse emaranhado de significações e tal não o conseguiu, assim parece. Resultou, não obstante, que pudesse aferir, na medida de sua própria capacidade de percepção, um pouco do todo existente, uma partícula pelo menos, da imagem criadora. E raciocinou, então, pela vez primeira; e exercitou o pensamento na ordem das relações humanas, suas mutações e sintomas gerais. Tudo lhe estava a indicar a existência de um "porquê" contínuo e misterioso, a desafiar a argúcia de muitos e

a persistência de poucos. Era a própria explicação que se lhe afluía à mente, elucidando, na ordem dos tempos, a significatividade dos fatos mais comuns, despertando conceitos dos mais diversos. E, assim, na própria pluralidade das concepções foi que surgiu, aos poucos, a ciência imaterial da filosofia que, através dos tempos, bastante tem sofrido em mutação e diversidade. E o homem, ainda sôfrego de desejos e explicações, nem por isso se contentou. Está a faltar-lhe, ainda e continuamente, a harmonia pessoal, o equilíbrio perfeito, a perfeita absorção dos elementos, para que bem se enquadrar possa, no próprio e muitas vezes infinitesimalmente pequeno espaço de gravitação pessoal que, no mesmo e referido harmonioso do conjunto, por direito lhe pertence. Contudo, para ele, que bem não sabe acomodar-se com o meio ambiente, valeria, por oportuna, a lembrança do tão enumerado conceito de que a vida... é como o breve momento que passa... Passa..., como nós também passamos, mas, nem por isso deixam de permanecer, o conhecimento adquirido, a tradição herdada e as conquistas meritórias. Vale, assim, para remate, a expressão bíblica a nos relatar e muito justamente que: "Deus fez o homem à sua imagem e semelhança; e os criou, Homem e Mulher e os abençoou...". E viu Deus, que a sua obra era boa; os céus, a terra e toda a natureza vivente que ali habitava e a concluiu, toda, no sétimo dia, e o abençoou, porque tudo era bom, harmonioso e perfeito...